

DIVÓRCIO DOS PAIS E DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DOS FILHOS:

A importância da família no processo de ensino-aprendizagem

Sarah Danielle Cardoso de Souza

sarahdaniellecs@hotmail.com

Orientador: Ms. Ismael Xavier de Araújo

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de estudar a importância da estrutura familiar e as repercussões do divórcio na aprendizagem da criança. Desta forma, entendendo as consequências da separação dos pais na formação emocional e psicológica dos membros da família. Para este trabalho foram realizadas pesquisas teóricas e de campo através de estudo de caso. Este estudo se justifica pela necessidade de conhecermos melhor os impactos causados pela ruptura da separação, principalmente no processo da aprendizagem escolar, de forma a contribuir para que educadores e pais possam melhor identificar as causas das mudanças de comportamento de seus alunos e filhos. Através deste estudo se percebe que a sociedade moderna tem motivado o divórcio, e as dificuldades atuais das famílias no enfrentamento dos conflitos e de que forma a escola pode ajudar a criança na superação dos problemas emocionais que surgem durante o período da separação dos pais. Chegou-se à conclusão que o divórcio, apesar de ser algo muito comum na atualidade deve ser assistido por toda a sociedade que circunda a família afetada, para que seus membros possam reconstruir sua estrutura emocional e psicológica sem muitos prejuízos. Esta assistência deve ser provida por profissionais pedagogos e da psicologia, de forma a orientar os pais sobre a melhor forma de lidar com os filhos.

Palavras chaves: Dificuldades de aprendizagem, divórcio, família

Abstract: The present work aimed to study the importance of the family structure and the effects of divorce on children's learning . Thus , understanding the effects of parental separation on the emotional and psychological training of family members . For this study we performed theoretical and field research through case study. This study is justified by the need to know the impacts caused by the rupture of separation especially in the process of school learning , to help educators and parents can better identify the causes of changes in behavior of their students and children. Through this study we could notice because modern society have motivated the divorce, and the current difficulties facing families in conflict and how the school can help the child to overcome the emotional issues that arise during the period of parental separation . Came to the conclusion that divorce despite being very common these days , must be watched by the entire society around the affected families so that their members can rebuild their emotional and psychological structure without much damage . This assistance should be provided by professional school and psychology , in order to educate parents about the best way to give to the children .

Key words: Learning disabilities, divorce, family

Introdução

A partir da observação dos danos que um divórcio pode causar no aspecto cognitivo, emocional e social, considerando seus reflexos na aprendizagem surgiu o interesse de estudar o referido tema. De acordo com Biblarz (2000, apud NUNES-COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009) crianças de pais separados têm apresentado menor rendimento e interesse sobre assuntos escolares, se observadas em relação às crianças de pais não separados.

Dada a relevância da discussão, o tema GT-4 do Congresso Internacional de Educação e Inclusão – CINTEDI, aborda as dificuldades de aprendizagem: abordagem das necessidades educativas especiais que exigem adaptações pedagógicas e socioculturais. Pesquisar sobre os assuntos adversos que comprometem o emocional dos alunos, é um fator que muitas vezes tem sido deixado de lado. As maiorias dos artigos se detêm realmente a tratar das crianças portadoras de necessidades especiais, esquecendo que um forte abalo emocional como a separação de pais, pode sim, na maioria das vezes comprometer o aprendizado dos alunos como também desencadear outros transtornos psicopedagógicos.

Uma separação modifica substancialmente a vida das crianças, principalmente se ela ocorre de maneira conflituosa e traumática. Neste trabalho pretendemos mostrar a relação existente entre o divórcio e a mudança no comportamento cotidiano das crianças, bem como na aprendizagem dentro da escola. Desta forma objetivamos com este estudo investigar as repercussões do divórcio sobre o desenvolvimento infantil e o papel da escola na superação das possíveis dificuldades.

O presente artigo foi dividido em três partes. Na primeira fazemos uma abordagem sobre a importância e o papel da família na aprendizagem escolar. Nesta parte, estudamos sobre as mudanças ocorridas no modelo familiar, suas causas e consequências nas últimas décadas, tentando entender a importância que a instituição familiar tem no desenvolvimento da criança. No segundo momento fazemos um estudo sobre o divórcio e suas incidências na aprendizagem, o papel da escola e do psicopedagogo na ajuda e superação dos conflitos junto à família afetada. Por fim, relatamos estudo de caso. Souza (2000, p. 208) afirma que:

A criança acaba tendo que enfrentar não só as modificações da estrutura e funcionamento familiar, mas também tem que enfrentar alterações profundas em sua rotina de vida, o que, por si só, é extremamente doloroso. O número e diversidade das mudanças relatadas apontam para a quantidade de estresse envolvido, o qual requer das crianças um número tal de adaptações que dificilmente poderiam ser enfrentadas, mesmo por um adulto.

A partir deste estudo observamos claramente que o papel do educador e da escola transcende os muros da instituição. O educador contemporâneo precisa se aprofundar cada dia mais nos conteúdos que envolvem a psicologia, a fim de desenvolver habilidades que o capacitem a perceber as mudanças ocorridas no comportamento de seus alunos e que possivelmente possam interferir no aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Pretendemos com este estudo ajudar pais, filhos e educadores a entender as

causas das mudanças no comportamento infantil e adolescente frente a ruptura de vínculos dentro do seio familiar, o que tende a contribuir a evitar a depressão infantil

Metodologia

Este artigo foi desenvolvido através de pesquisa participante, ou seja, aquela em que o pesquisador se insere no ambiente natural de ocorrência do objeto de estudo pesquisado. Esta metodologia é importante por permitir a verificação da teoria na prática. Para Biblarz (2000), as crianças de pais separados têm apresentado menor rendimento e interesse sobre assuntos escolares, se comparadas as crianças que não apresentam o mesmo tipo de problema.

Desta forma, a pesquisa participante permitiu a observação do caso, acompanhamento da ação na busca das estratégias dos profissionais envolvidos para evitar os danos na aprendizagem das crianças envolvidas, pois o pesquisador compartilha de modo consistente de todo contexto que está sendo estudado.

1. A importância da família na aprendizagem.

Fazer uma análise do papel da família ao longo da vida e aprendizagem do indivíduo, nos leva a refletir sobre as mudanças ocorridas nos núcleos familiares nas últimas três décadas pelo mundo. Sabemos que o primeiro modelo de família foi o patriarcal, ou seja, aquele em que o pai era o provedor e a mãe a cuidadora do lar. Esse modelo tem se tornado a cada dia mais superado, uma vez que, as mulheres, através de lutas e movimentos sociais tem conseguido equiparar-se aos homens em todos os setores, atividades e seguimentos sociais.

Desta forma, academicamente não tem sido diferente, as mulheres ocupam todos os lugares da faculdade. Outrora a mulher recebia uma educação formal diferenciada. Existiam cursos apenas para mulheres, profissões que cabiam apenas aos homens. As mudanças ocorridas nos núcleos familiares têm contribuído para que estas questões unicamente de gênero desapareçam por completo na sociedade contemporânea. Hoje as famílias são estruturadas com pais e mães que trabalham, onde ambos tem profissão, aliás, muitos casais se unem quando já tem estabelecida uma condição profissional e financeira estável.

Para Hack e Ramires (2010, p. 87), o modelo básico de família, constituído por pais e filhos ligados biologicamente foi superado, entre outros fatores, “pelo crescente aumento de separações conjugais e posteriores recasamentos e a inserção da mulher no campo de trabalho”, permitindo com isso novas formas de configuração e organização familiar.

A família é um importante ambiente de aprendizado para criança. Precisamos então entender qual é o impacto que este novo perfil de família tem dentro do processo educacional. Atualmente, a família tem mãe profissional, ausente do lar grande parte do

dia. Para esta ausência infelizmente não há compensação. Um grande problema surge com a mulher que passa a ficar sobrecarregada ao tentar se adaptar à nova estrutura familiar.

A mãe, ainda muito ligada ao sentimento patriarcal, no qual foi criada, se sente mal por acreditar abandonar os filhos ao assumir um posto de trabalho. Muitos homens entendem que a renda da mulher deve ser acrescida a renda total familiar, mas, não entendem que os afazeres domésticos e responsabilidades com os filhos, no que diz respeito a atenção, cuidados, carinho entre outros devem também ser divididos igualmente pelo casal. Quando o casal não tem habilidade para enfrentar os problemas, a vida em família começa a entrar em crise, e com certeza esta crise vai abalar o aprendizado dos filhos e sua vida escolar.

É preciso entender que não há atividade, não há método que possa substituir a educação familiar. É da família a responsabilidade de proporcionar o amadurecimento psicológico do indivíduo. Uma pessoa sem convivência familiar apresenta inúmeras fragilidades emocionais, e até mesmo em alguns casos, desvios de caráter. É na família que aprendemos a socialização e a afetividade, como também os primeiros passos da educação formal devem estar atrelados ao seio familiar. A família é considerada matriz da construção do caráter e personalidade do ser. Uma família bem estruturada, nos leva a perceber como seus componentes se transformam em pessoas autônomas.

Os pais são os maiores responsáveis pela estrutura psicológica dos filhos, de forma que a união do casal deve estar sempre voltada para o bem estar das crianças. Uma boa relação do casal é ponto fundamental pra ajudar no desenvolvimento da aprendizagem dos filhos. O convívio em família elabora os sentimentos que trazemos do mundo que nos rodeia. É no seio familiar que encontramos os mecanismos necessários para enfrentar eventuais crises emocionais com estabilidade, conforto, compreensão e afetividade. Quando o ambiente familiar não oferece tais mecanismos compromete o lado emocional da criança e por consequência a sua aprendizagem.

Justamente por causa desse novo modelo no qual as famílias estão se estruturando, que as crianças estão ficando cada dia mais sozinhas. Isso aliada a falta de convívio familiar adequado, como também a falta de tempo dos pais e as novas tecnologias que facilitam o processo de afastamento das pessoas. É como se todo mundo precisasse correr agora em busca de algo que não existe, quando na realidade o que existe é o presente, o hoje. Geralmente, quando a criança não encontra identificação na família, ela busca fora algo que a identifique enquanto ser. Tiba (2002) ressalta que:

"[...] embora não exista uma concordância quanto ao papel desempenhado pelos afetos no processo de conhecer, é consenso o fato de que os estados afetivos interferem no cognitivo. Também parece haver uma certa concordância quanto ao fato de que as funções afetivas e cognitivas são de natureza distinta, embora indissociáveis, uma vez que não existe conduta afetiva sem elementos cognitivos, nem tão pouco elementos cognitivos desvinculados do afeto".

A criança precisa de maturidade em suas emoções e isso só é possível através do carinho e conforto encontrado no seio familiar e principalmente na segurança da relação de amizade que se estabelece entre os pais.

Por causa dos problemas que têm surgido nas relações parentais, tem se tornado comum crianças serem atendidas por psicólogos educacionais para tentar resolver conflitos que não estão diretamente ligados a elas, e sim a descontroles emocionais dos pais. Muitas vezes a falta de harmonia, a falta de condições financeiras e principalmente a falta de diálogo, dentro do grupo familiar, desencadeia sérias crises nas relações entre seus membros. No nosso modelo de sociedade capitalista, a busca pelo dinheiro se tornou mais importante que o convívio familiar, ficando desta forma a criança livre de moral e valores adquiridos através deste convívio tão fundamental.

“Uma vez que a criança tenha sentido graças ao seu altruísmo e a disciplina adquirida, a unidade e a coerência das sociedades que são a escola e a família, lições apropriadas a conduzirão a descobrir a existência de grupos maiores aos quais deverá se adaptar: a cidade, a nação, em fim a própria humanidade.” (MUNARI, 2010, P.51)

A família precisa entender que independentemente do ritmo de cada um, o diálogo e a compreensão precisam se instalar dentro de casa. A comunicação estabelecida precisa ser clara, evitando pensamentos dúbios, que possam gerar interpretações equivocadas. A solidão e correria que se instalada na família deve sempre ser quebrada com diálogos que ajudarão a sustentar o caráter e personalidade de seus membros, ajudando-os a ter sucesso nas tarefas fora de casa como escola, empregos e projetos.

Com frequência observamos pais e professores desesperados com a tarefa do educar. Ficam se perguntando o que acontece com as crianças de hoje, por que é tão difícil fazê-las entender o certo e o errado? Porque é tão difícil fazê-las obedecer? A resposta está em nós mesmos, pois não compreendemos que estamos muito preocupados com o futuro e sem tempo para o presente.

"O alongamento da jornada de trabalho, devido tanto à necessidade de trabalhar mais para aumentar o rendimento familiar quanto ao crescimento das cidades, diminuiu consideravelmente o tempo que os pais dispunham para compartilhar com os filhos. Mas a criança carece de muito afeto e de uma troca com os adultos que vá além da satisfação das suas necessidades fisiológicas. A diminuição desse afeto, dessa troca, empobrece consideravelmente a criança e limita suas possibilidades de amadurecimento. Paradoxalmente, para poder satisfazer as necessidades fisiológicas e materiais dos filhos, os pais precisaram trabalhar cada vez mais, reduzindo, com isto, o tempo de contato direto com eles." (SUKIENNIK, 1996, p. 50).

A base do controle emocional de todos os indivíduos parte do convívio familiar, porém esta fragmentação que ela vem sofrendo na sociedade por causa da busca de bens materiais que atualmente tem se mostrado mais importante do que a busca das relações afetivas e a autonomia emocional das pessoas, têm a tornado muito frágil e incapaz de solucionar os diversos problemas que naturalmente vão surgindo no dia a dia. A maioria dos divórcios

ocorrem porque os cônjuges não conseguem ter maturidade emocional para enfrentar os problemas que a sociedade individualista atual propõe.

2. O divórcio e a aprendizagem

Vivemos em uma sociedade que protege muito pouco, ou quase nada a estrutura da família. É muito comum a mídia fazer propostas do viver o hoje, de aproveitar ávida agora e até mesmo influenciar através de telenovelas e outras programações que a melhor coisa é entrar em outra relação, quando a atual já está desgastada. Mas como compreender que precisamos dilacerar uma família e partir pra outra relação ao invés de encarar as dificuldades e problemas com maturidade e tentar resolve-las? Como começar outra família com os “restos” da anterior?

Começar uma família com filhos, problemas emocionais, financeiros entre tantos outros não seria uma tarefa tão fácil assim. São muitos problemas que surgem em um processo de separação. Analisando calmamente entendemos que o processo do divórcio só ocorre por falta de maturidade do casal. Será que após o divórcio ambos já estão amadurecidos para assumir nova relação?

A maioria dos divórcios acontece de forma traumática, onde os filhos são os maiores penalizados. Muitas crianças que não tinham problemas de aprendizagem passam a ter, muitas crianças que tinham boa relação social passam a apresentar problemas de relacionamento e socialização e isto é fruto da falta de maturidade dos pais para conduzir um processo tão delicado que é de ruptura. De acordo com Ramires (2004, p. 185) :

As crianças têm que lidar com as alterações na rotina de vida, a saída de casa de um dos pais, a família extensa, a situação econômica, as brigas, as mudanças no seu relacionamento social e seu comportamento no lar e na escola. Além disso, a separação conjugal conduz à reorganização da vida afetiva, social, profissional e sexual dos pais, modificando, às vezes dramaticamente, a rede de convivência e apoio das crianças e introduzindo, ao longo do tempo, a necessidade de relacionamento (e rompimento) com os novos parceiros dos pais e seus possíveis filhos e familiares.

O autor supracitado defende que o ajustamento infantil parece estar ligado diretamente a qualidade e quantidade do contato e ao vínculo que a criança estabelece com as figuras parentais. Os problemas entre marido e mulher sempre existiram, na sociedade atual eles apenas se aliam a outros o que os agrava ainda mais. Numa relação de amizade, ambas as partes se ajudam e cooperam entre si. As relações vão se ampliando ou acabando a medida que vamos descobrindo que o outro não se identifica conosco.

Já numa relação conjugal, existe uma falsa ideia de anulação total pelo outro, de doação máxima, e muitas vezes esta ideia é o começo do fim. A relação conjugal precisa ser tomada primeiramente a partir dos sentimentos que emanam da amizade, como individualismo, respeito e cooperação. E deve ser ampliada a medida que o casal vai construindo sonhos em comum. São estes sonhos que devem manter o casamento.

Entender que o outro precisa de espaço e que também tem sonhos de realização pessoal é uma forma de amor. Ajudar o outro a alcançar tais realizações é o principal papel do cônjuge. Quando não entendemos nosso papel dentro da relação conjugal aí vem o divórcio que é sempre um período muito doloroso. Traz consigo um sentimento de perda e fracasso que chega a ser desumano para o casal. Muitas pessoas nunca conseguem refazer a vida após uma separação. Estes sentimentos ruins se potencializam quando existem filhos.

Quando acontece uma separação, geralmente há um desequilíbrio emocional dos pais onde outros sentimentos negativos afloram, como a raiva e o desejo de vingança. Estes sentimentos são passados para os filhos que passam a apresentar as mais diversas reações. A mais frequente, além da depressão é a agressividade e as dificuldades de aprendizagem na escola. Os filhos têm a sensação de abandono, e precisam demonstrar isso aos pais mesmo que involuntariamente. Os casos são ainda mais graves quando um dos cônjuges não aceita a separação e passa a usar as crianças como uma espécie de arma para reverter a situação ou afrontar o cônjuge.

A criança é um ser em formação, e precisa ser preservada ao máximo das confusões dos adultos no período da separação. Falamos em período de separação porque geralmente é um período que se arrasta por um longo tempo, e que pode comprometer muito o psicológico das crianças, justamente por não ser um momento específico e passageiro. Antes de chegar exatamente no ato do divórcio, a maioria dos casais passa por um longo período de chances, tentativas e conflitos. E os filhos estão inseridos neste processo conflituoso. Eizirik (2001) relata que à medida que os filhos crescem, a família gradativamente abre-se para o mundo externo, representado principalmente pela escola. Desta forma exige que a família seja extremamente organizada e coesa. É na escola que geralmente aparece o retrato da família, nela o aluno mostra exatamente o que está indo bem ou mal em casa.

Muitas crianças em idade escolar começam a fracassar na aprendizagem durante o período de separação dos pais e até mesmo por um longo tempo após o divórcio. É o elo que se perde, o porto seguro que já não existe. A escola tem um papel muito importante neste período, pois deve estar alerta aos sinais de fracasso escolar da criança tentando quebrar este bloqueio que se instala. Deve alertar os pais para o que está acontecendo e fazer os encaminhamentos necessários. A atuação do psicopedagogo junto ao corpo de especialistas da escola é fundamental, pois, este profissional deverá encontrar estratégias de atuar com aquela criança ajudando-a a superar a crise.

Em algumas separações as crianças tornam-se muito agressivas e geram inúmeros problemas dentro do ambiente escolar. É preciso muita clareza da escola para entender o que ocorre. A criança se sente culpada da separação dos pais por não conseguir detê-la e começa a retroceder em muitos comportamentos. Biblarz (2000, apud NUNES-COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009) aponta que ao longo das duas últimas décadas, crianças

de pais separados têm apresentado menor rendimento e interesse sobre assuntos escolares, se observadas em relação às crianças de famílias intactas.

Dependendo da idade das crianças podem apresentar comportamentos diferentes e ao mesmo tempo muito próximos da realidade que involuntariamente elas tentam desabafar. Crianças que tinham comportamentos normais passam a enfrentar problemas dentro do ambiente escolar, como reflexo do que estava acontecendo em casa com a separação de seus pais. Os estudos de Sobolewski (2007, apud NUNES-COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009, p. 387) demonstraram que:

[...] as crianças em idade pré-escolar apresentam maior risco ecológico e desenvolvimental para trajetórias sociais e emocionais desadaptadas em comparação com crianças de mais idade. Estruturas cognitivas e emocionais imaturas das crianças fazem com que, por um lado, elas sejam menos capazes de avaliar realisticamente as causas, os processos e as consequências da separação e, por outro, centralizem em si a responsabilidade da ruptura entre os pais, ao que se alia a incapacidade de procurar apoio junto a fontes extrafamiliares para diminuir o seu nível de aflição.

Percebemos que dependendo da idade da criança no momento da separação dos pais, as dificuldades de adaptação serão diferenciadas umas das outras. Amigos e familiares além da escola, deverão estar percebendo tais dificuldades. A intervenção da escola e os encaminhamentos oferecidos pelo psicopedagogo da instituição são primordiais para evitar um dano maior na vida escolar delas. O psicopedagogo deve inclusive realizar entrevistas com os pais para então tentar ajudar a criança bem como alertar o ex casal para responsabilidade igualitária de ambos sobre a vida escolar, emocional e social dos filhos.

No Brasil não existem políticas públicas que protejam a instituição familiar ou pelo menos acompanhe os casos de maior gravidade através de tratamentos adequados. O divórcio se tornou algo rotineiro, banalizado pela sociedade. Apenas nos casos onde há violência física é que existe proteção da lei e a preservação dos menores. Desta forma, os casais ficam expostos a própria sorte durante o processo do divórcio, tentando reconstruir por si mesmos os restos que ficaram de suas estruturas emocionais.

Numa separação, os pais precisam estar cientes que a vida dos filhos muda substancialmente, e isto é um processo doloroso de ruptura. De acordo com Souza (2000, p. 210):

“A crise provocada pelas mudanças no espaço doméstico e pela menor disponibilidade de relacionamento com um dos genitores é potencializada pelas mudanças na rotina de vida e na rede social que, se minimizadas, provavelmente reduziriam as dificuldades infantis.”

Os parentes devem trabalhar em favor da reconstrução emocional dos membros de toda a família que enfrenta o processo de separação para tentar minimizar os efeitos desta dolorosa ruptura. Se as crianças percebem que apenas os pais se divorciaram, mas que as

famílias permanecem da mesma forma, é um grande passo para a recomposição emocional delas e enfrentamento das mudanças que ocorrerão.

3. Análise dos Resultados através de estudo de caso:

Fizemos um estudo de observação em uma escola particular de classe média alta situada no litoral da cidade de João Pessoa, objetivando visualizar na prática o impacto do divórcio na vida social e aprendizagem dos filhos envolvidos. A escolha da escola de classe média alta foi proposital para eventualmente não levar em consideração fatores que agravam os problemas sociais e cognitivos que são próprios da rede pública, onde se encontra classe menos favorecida economicamente.

Um adolescente de 13 anos e sua irmã de 05 anos, que estudam na escola desde o início de sua vida escolar passaram a mudar substancialmente o comportamento social dentro do ambiente escolar durante o processo de divórcio dos pais. O adolescente sempre foi uma criança estudiosa, ligada a artes, desenhos e música. Se destacava por seu humor saudável, sensibilidade e suavidade. Passou a usar vocabulário grosseiro, interagir menos, tornou-se violento e seu rendimento escolar caiu consideravelmente. A criança de 5 anos sempre foi muito dócil e social, mas passou a apresentar comportamento avesso. Com frequência rasgava suas tarefas, quebrava seus materiais. Seu traçado na escrita e desenho passou a ficar muito forte durante as tarefas, demonstrando tensão, tristeza e raiva. Durante as atividades de colorir ela passou a escolher cores fortes e escuras e se isolava do resto das crianças.

Foi através de um dos comportamentos da infante de 5 anos, durante o período de comemoração do dia das mães que a professora percebeu que alguma coisa estranha estava a ocorrer com o emocional da aluna. Durante a atividade de montar o álbum da família que seria entregue a todas as mães na festa, a menina, ao terminar o álbum, se levantou e o jogou no lixo. Os pais foram convidados para uma reunião na escola para tratar dos problemas que estavam ocorrendo com seus filhos.

Durante o diálogo entre a psicopedagoga e os pais ficou extremamente claro que os pais não estavam conduzindo a separação de forma amigável. Nesta oportunidade, o ex casal ficou trocando acusações sem chegar a um consenso com relação a responsabilidade de ambos com relação a estrutura emocional dos filhos. A reunião terminou com a psicopedagoga sugerindo encaminhamento a terapias alternativas pra todos os membros da família.

Concluimos assim que, a intervenção da escola, a observação à mudança de comportamento das crianças foi relevante. A partir da reunião com os pais, a equipe técnica da escola teve condições de traçar novas estratégias para acolher melhor os dois irmãos e elaborar novas práticas junto ao corpo docente que pudessem minimizar o impacto do divórcio dos pais na vida social, emocional e escolar das duas crianças.

Por outro lado, os pais foram alertados de seu papel enquanto genitores e educadores. Durante a entrevista com a psicopedagoga da escola, ficou claro que a mãe assumiu a responsabilidade sozinha de reconstruir e estruturar a vida emocional dos filhos, pois de acordo com a profissional, o pai ainda estava no processo de conformação com a separação, não apresentando a capacidade de discernir o que seria sua responsabilidade como pai, independente de ser casado ou não com a mãe dos seus filhos.

Considerações finais

Os educadores tem obrigação de investigar as causas que levam o estudante a ter dificuldades com a aprendizagem, buscando sempre aperfeiçoar a prática educativa. Através deste estudo, por diversas literaturas e diferentes autores, ficou evidente que o divórcio parental compreende um fator relevante para aprendizagem infantil, ou melhor, déficit dela, principalmente quando não é conduzido de forma correta e os filhos se sentem desamparados e abandonados com a nova configuração familiar.

Durante o divórcio a família e os educadores precisam estar atentos ao sinal de alerta que os filhos estão dando com relação ao desconforto que a nova estrutura familiar gerou. Os profissionais da escola precisam saber conduzir a situação da forma mais saudável possível, inclusive acompanhando o ex casal, que continuam sendo pais do aluno.

Existe uma importância fundamental nos dias atuais de cada vez mais as escolas estarem preparadas com profissionais competentes para lidar com estes conflitos de ordem emocional que podem gerar sérios prejuízos cognitivos e sociais na vida de seus alunos. O divórcio está cada dia mais corriqueiro, e tanto a escola quanto o poder público precisam visualizar tal problemática, oferecendo uma rede com eficácia, que possa acompanhar a família desfeita.

O ambiente escolar é um ambiente muito favorável pra investigação dos aspectos negativos consequentes de uma separação de pais, uma vez que é neste espaço onde as crianças se desenvolvem intelectual e fisicamente, elaborando seus posicionamentos individuais e socializando-se com maior intensidade.

É importante salientar que, apesar do divórcio ser um processo considerado estressador, de mágoas e rupturas, muitas vezes pode ser conduzido de forma a não ocasionar tantos danos na vida das crianças e das pessoas envolvidas, dependendo da forma como o casal consegue conduzir todo o processo, e isso tem muito a ver com o grau de maturidade de ambos e o preparo do psicopedagogo para identificar o problema e contribuir com a estabilidade emocional do estudante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Meire_de_Araujo.pdf

Eizirik C. **O ciclo da vida humana**. Porto Alegre: Artmed; 2001. HACK, S. M. P. K.; RAMIRES, V. R. R. **Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos**. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.85-97, 2010 .

NUNES-COSTA, R. A.; LAMELA, D. J. P. V.; FIGUEIREDO, B. F. C.. **Adaptação psicossocial e saúde física em crianças de pais separados**. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, vol.85, n.5, p. 385-396, 2009.

SISTO FF. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes; 2002.

SOUZA, R. M. **Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 16, n. 3.

SUKIENNIK, Paulo B. **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

RAMIRES, V. R. R. **As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, 2004 .

TIBA I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente; 2002.